

PEDAGOGIA DO AMOR

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

O GESTO QUE RESGATA O VIVER¹

Uma lágrima que carrega a dor que se esvai para além da alma! Sentimento afetivo moral ou físico não importa, são todos o sofrer. Então, dobra-se a alma sobre si mesma e chora. Chorar pode provocar a compaixão daqueles que estão ao redor de quem chora, isto é, produz um “compadecer-se pelo outro”, um sentir de piedade, pena. Neste cenário de dor uma mão amiga que afaga, uma palavra de conforto que acolhe, um gesto de compreensão que alivia o sofrer, expressa a bem-aventurança do amor. Eis o ato de consolar, isto é, ‘aliviar ou suavizar o sofrimento do outro’.

Sabemos, desde quando pisamos a escola pela primeira vez como estudantes, que ali se encontra um micro-mundo que reflete o universo dos homens, o mundo exterior. Conflitos, desencontros e desencantos, vitórias e derrotas, sucesso e insucesso, apenas para citar alguns aspectos, estão presentes no dia a dia do estudante que neste cenário se encontra como sujeito de sua história, por vezes ativo e determinado, mas por outras passivo e amedrontado. É neste segundo estado de alma que nos deteremos aqui.

Quantas vezes, quando estudantes – se é que ainda não o somos! – sofremos pressão ou fomos humilhados, vítima do sarcasmo de nossos professores ou colegas? Quem nunca chorou no ambiente escolar? Quem nunca se desiludiu? Enfim, quem nunca experimentou a dor de um sofrimento mais ou menos terrível?

Se nos dermos conta de tais aspectos, ocorridos ao longo de nossa vida de estudantes, ficará mais fácil compreender o papel que, como educadores, bem pode nos caber.

Em primeiro lugar, que não sejamos nós – nunca! – a causa ou a razão de sofrimento de ninguém. Por estarmos ocupando uma posição diferenciada na teia social do universo

¹ Referências: Novo Testamento (5 Mateus 5).

escolar auferimos um poder decorrente, visto e reconhecido pela maioria de nossos pares e estudantes. Podemos ser temidos ou amados! No primeiro caso, nosso poder expressará o potencial de terror implícito, carregado de medo, mas no segundo trará o galardão da autoridade por aqueles que nos respeitarão e mesmo nos admirarão por nossas atitudes que refletem respeito e valoração à vida, por nós e pelos outros.

Mas, em algum momento, encontraremos aquele que chora, a dor estampada no rosto, as lágrimas que buscam carregar para fora de si, o que se faz insuportável. Quais atitudes haveremos de ter diante deste cenário?

Antes de uma palavra, um *escutar*. Um ouvido que se empresta, ligado ao coração que é capaz de se tornar compadecido, isto é, que se mostra capaz de “ser um” com a dor do outro, não para agravá-la, mas antes para que através de um “abrir-se, expondo a dor”, se possa exercer o ato de compaixão, buscando aliviar ou suavizar o sofrimento alheio.

Bem-aventurados os que assim o fazem e bem-aventurados os que assim recebem a atenção vital, pois que somos todos humanos, independentemente da posição que ocupamos em determinada circunstância ou momento de nossa vida.

Hoje consolamos, amanhã precisaremos ser consolados.

O que pode haver entre ensinar e curar?²

Procuremos nos lembrar, neste momento, de um episódio que nos tenha marcado fortemente a existência, o primeiro que vier à lembrança. Façamos dele, por alguns instantes, um cenário a ser revivido, em detalhes. Quem estava próximo de nós, era dia, tarde, noite, madrugada? O que fazíamos? O que nos diziam? Falávamos algo, ou estávamos em silêncio? Estávamos com apenas mais uma pessoa, ou havia outras pessoas por perto? Quais eram nossos sentimentos mais fortes? Eram alegres ou tristes? Causaram-nos satisfação e nos trouxeram energia, ou dor e depressão? Procuremos nos lembrar...

² Referência: Novo Testamento, 4 Mateus 23.

Vamos agora trazer, à luz deste dia, as lembranças vividas, sem medo, sem bloqueios. Do que foi que nos lembramos? Que marcas esta lembrança deixou registradas em nosso ser? Qual é o nosso estado de espírito, neste momento?

Muito provavelmente, cada um de nós terá experimentado uma vivência singular, e única, portanto. Se a lembrança foi de algo bom, o estado de ânimo, neste momento, deve estar ainda melhor, mas se a lembrança foi ruim é provável que nos sintamos mal, com o coração oprimido, alguma amargura, certamente. Percebamos também o quanto tal fato marcou nossa vida! Mesmo sem que ele estivesse em nossa consciência imediata ele estava presente em nossa interioridade, ainda que aparentemente inexistente.

Sentimentos vividos com grande intensidade são como marcas profundas gravadas na madeira: passam a fazer parte do contexto e são na verdade elementos de nossa história e deles estamos tão impregnados, que nem nos damos conta; mas existem e produzem suas conseqüências, dão forma e texto à existência. Se neste momento nos apercebermos disso, já teremos dado um grande passo para uma libertação dos grilhões, de um episódio, a nos acorrentar. Por pior que tenha sido, por mais que palavras feriram sobrevivemos, sim, mas de algum modo adoecemos da alma.

Compreendemos, assim, que as palavras carregam sentimentos e tem o poder de nos afetar, em maior ou menor intensidade, passando a fazer parte integrante de nossa história pessoal. Dizendo de outro modo, ganham materialidade, isto é, objetivam-se. Como diria o amigo Rubem Alves, as idéias são materiais.

Em nosso exercício diário de docência recorreremos, a todo instante, ao recurso da palavra. Falamos para informar, para mediar, para orientar, para advertir, mas também pronunciamos sentenças, algumas para a vida, outras para a morte. Sem que nos apercebamossomos por vezes agentes de uma punição, um castigo, um sarcasmo, uma violação de respeito humano. Marcamos sim, a história de outrem. Pode ser nosso aluno ou aluna, nosso colega de trabalho, em fim somos portadores da palavra que tem poder, aqui palavra entendida em seu maior significado e abrangência.

Quando, ou se, algum dia procuramos por um religioso, terapeuta, ou mesmo quando nos abrimos a um diálogo íntimo com alguém estamos buscando, na verdade, lançar alguma luz sobre os pontos obscuros ou doentes de nossa existência. Procuramos, também, reorganizar nosso pensamento, como nos mostrou Lev Vygotsky³, mas nosso objetivo é nos desfazermos de algo que nos incomoda, atrapalha, machuca, enfim, que nos afeta a saúde

³ VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. Martins Fontes: São Paulo, 1995.

mental e, por vezes, até mesmo física. Carecemos de mudanças, mudança interior, através da busca de um novo olhar.

Ao conseguirmos nosso intento passamos a não mais sofrer, como estávamos sofrendo, ficamos aliviados; sentimo-nos melhor, muito melhor, isto é, estamos curados! Vemos assim o poder que a palavra tem sobre nós.

Portanto, ao meditarmos sobre tema tão caro à vida, percebemos que ensinar e curar são ações mediadas, cujo produto final se dará na interioridade do sujeito, através de uma *pedagogia do amor*. As palavras carregarão as intenções, os afetos ou desafetos, a informação significativa ou perdida, em meio a tantos ruídos, o acolhimento ou a rejeição, o conhecimento e a vida, ou a ignorância e a morte.

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto tem Pós-doutorado em andamento no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA); Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC); Mestrado em Educação Científica e Tecnológica (ECT/UFSC); Especialidade em Qualidade na Educação Básica (INEAM/OEA/USA) e Licenciatura em Pedagogia, com complementação em Física (PUCSP). Fundador da Laborciencia Editora, do Instituto para a Formação Continuada em Educação (IFCE) e do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE).

Artigo originalmente publicado na Revista Direcional Educador, agosto/2007.